

Rocca di Papa, 20 de outubro de 1977

## O Papa visto pelo Papa

Ninguém melhor do que o Papa pode dizer quem é o Papa.

Paolo VI durante uma audiência geral em 1964, perguntou-se: «Quem é o Papa? ...[O Senhor] quis ele mesmo definir a pessoa daquele que ele escolhia como primeiro dos seus discípulos [...] não se chamaria mais Simão [...] seu nome de nascimento, mas Pedro, o nome da sua missão. Daí é evidente que Jesus dava ao seu eleito uma virtude particular e uma missão particular, configuradas uma e outra na imagem da pedra, da rocha; isto é, a virtude da firmeza, da estabilidade, da solidez, da imobilidade, da indefectibilidade, seja no tempo, seja nas travessias da vida; e a missão de servir de fundamento, de pedra angular, de sustentáculo, como Jesus mesmo disse, na última ceia, ao próprio Pedro: “Confirma os teus irmãos”<sup>1</sup>... O pensamento do Senhor é muito claro; e é isto que forma a singularidade e a maravilha do papado. [...] Um milagre de equilíbrio, de resistência, de vitalidade, que encontra a sua explicação na presença de Cristo na pessoa de Pedro!»<sup>2</sup>.

Falando sobre o Papa a 20.000 fiéis em Bombaim, em 1964, Paulo VI explicou: «Se perguntardes: quem é este peregrino? [...] Nós vos responderemos: somos e servo e mensageiro de Jesus Cristo, colocado pela divina Providência como chefe da sua Igreja, como sucessor de S. Pedro, Príncipe dos Apóstolos. Ser mensageiro de Jesus e Chefe da Igreja são, na realidade, uma só função, pois que a razão de ser da Igreja é proclamar e difundir o ensinamento de Jesus e continuar o seu ministério na terra. Esta é a Nossa identidade e a Nossa missão»<sup>3</sup>.

O «Tu me amas mais do que estes?»<sup>4</sup> que Jesus pediu a Pedro constitui o tormento, o empenho contínuo de Paulo VI. Ele dirá várias vezes durante audiências públicas e em outras ocasiões.

Numa audiência geral de 1965: «... O segredo, que constitui o Nosso pessoal conforto e o Nosso pessoal tormento, está contido e expresso numa simples, mas formidável sílaba, que soa “mais, plus, pléon”<sup>5</sup>, e que Jesus uniu, de maneira tão surpreendente, mas tão luminosa, ao verbo “amar”. [...] Ao primado de autoridade [...] Jesus quer que corresponda um primado de caridade: poder totalmente gratuito, aquele; virtude esta onde um grande dom, uma grande graça, uma grande capacidade de amar deve confundir-se com o maior esforço, o maior impulso do coração humano chamado a tal vértice de amor»<sup>6</sup>.

E ainda: «É preciso estar no lugar de um papa para compreender o quanto esta pequena frase: “Amas-me mais?” seja uma espada que penetra até às juntas dos ossos, dos nervos, até à medula; [...] como fazer para saber se alguém ama mais? [...] O que conforta nesta angústia é que se pode amar universalmente [...] é repetir: ninguém me é estranho, ninguém é excluído, ninguém – mesmo separado – está longínquo. Cada ser amado está presente».

Agora já não podemos ter dúvidas: o maior coração do mundo, mais aberto, mais largo, mais semelhante ao coração de Cristo é o coração do Papa. Este milagre operou e operará a palavra de Jesus :

1 Lc 22,32

2 Cf *Insegnamenti di Paolo VI*, Poliglotta Vaticana, 1964, II, p. 809

3 Cf *Ibid.*, p. 703.

4 Cf Jo 21,15

5 Cf Jo 21,15

6 Cf *ID.*, cit. 1965, III, p. 1110-1111.

«Tu me amas mais do que estes?». Este coração é digno de apascentar a Igreja porque, tal como uma mãe contém no próprio seio o filho, o Papa contém no seu coração a humanidade.

E que melhor lugar, para nós fiéis, do que estar naquele coração?

*Chiara Lubich*

*De Homens a serviço de todos (Cidade Nova - 1978)*